
Imagens do feminino na Guerra do Paraguai¹

Fernando Lóris Ortolan*

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise das representações construídas sobre as mulheres paraguaias na Guerra do Paraguai. Para a compreensão dessas representações, valemo-nos dos discursos e das imagens veiculados pela imprensa paraguaia no período da guerra. As imagens de mulheres *heroínas* e *sacrificadas* que lutaram na Guerra do Paraguai foram eternizadas na historiografia, que as tem apresentado como mulheres abnegadas e trabalhadoras incansáveis que acompanharam *voluntariamente* os soldados nos combates. As imagens e informações que os jornais veiculavam a respeito das mulheres procuravam representá-las como *guerreiras espartanas*, que deveriam ser exemplos para toda a sociedade, como motivação e como difusão patriótica.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai, mulheres paraguaias, imprensa paraguaia.

Abstract: This article has for objective to present an analysis of the representations built about the paraguayian women in the War of Paraguay. For the understanding of those representations, we were worth ourselves of the speeches and images transmitted by the Paraguayan press in the period of the War. The images of women heroines and sacrificed that struggled in the War of Paraguay were eternalized in the historiography, that has been introducing them as self-denying women and tireless workers that accompanied the soldiers voluntarily in the combats. The images and information that the newspapers transmitted regarding the women tried to represent them as *spartan warriors*, that they should be examples for the whole society, as motivation and as patriotic diffusion.

Key words: War of Paraguay, paraguayian women, presses paraguayian.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Paraná.
E-mail: fernando.ortolan@ig.com.br

Quando recordamos cenários da Guerra do Paraguai, principalmente eventos que apresentam a representação de fragorosas batalhas e feitos militares heróicos, inevitavelmente, associamos a um palco exclusivo dos homens. Vítimas da guerra, como na maior parte dos grandes conflitos, as mulheres foram banidas de estudos que possibilitam retirá-las de sua invisibilidade.

O envolvimento feminino na Guerra do Paraguai foi significativo e numericamente considerável, sem dúvida dos mais altos em guerras na América Latina. Muitas mulheres, de forma voluntária, participaram dessa luta contra os exércitos aliados do Brasil, da Argentina e do Uruguai. Outras tantas, especialmente mulheres da classe baixa, não tinham opção e encontravam-se no meio de uma luta, restando a elas participar das campanhas militares contra os aliados. Ao passo que outras mulheres, milhares talvez, de todas as classes sociais, encontravam-se entre as vítimas.

O presente artigo tem por finalidade analisar algumas representações construídas sobre as mulheres paraguaias no período da Guerra do Paraguai. Para compreender essas representações, valemo-nos de discursos e imagens veiculados pela imprensa paraguaia no período da guerra. É por meio das representações que os grupos sociais se atribuem uma identidade, legitimam seu poder e concebem modelos para a conduta de seus membros. As representações não são, pois, simples reflexo de uma determinada realidade, uma vez que são um elemento de transformação da mesma e de atribuição de sentido ao mundo. (CHARTIER, 1990, p. 17-19; PESAVENTO, 1995, p. 9-27).

A partir da noção de representação, é possível, numa análise que envolve a produção textual e a imagética, compreender como se estruturou o universo cultural da mulher paraguaia, qual imagem se projeta dela e quais significados podem revelar a sua realidade. Considerando nosso propósito, é importante entendermos como as representações foram construídas através dos discursos da imprensa, que interesses e posições defendiam e como foram difundidas no decorrer da Guerra do Paraguai.

O historiador tem um papel importante ao buscar a racionalidade que está contida, explícita ou não, apresentada ou representada no artigo de jornal. Além dos aspectos subjetivos de quem escreve, os jornais utilizam mecanismos próprios de seu interesse ou da classe que estão representando.

Conforme aponta Maria Helena Capelato,

os documentos são, ao mesmo tempo, falsos e verdadeiros. A tarefa do historiador consiste em desmistificar o seu significado aparente, explicitando que sua roupagem resulta de uma construção. Demoli-la implica analisar as condições em que o documento foi produzido. É necessário, antes de mais nada, saber: quem produziu o jornal? para quê? como e quando? (1998, p. 24).

Ao analisarmos a participação das mulheres na Guerra do Paraguai, constatamos que grande parte do vigor nacional e das demonstrações de solidariedade com os soldados nos campos de batalha relaciona-se às pressões que o Estado paraguaio fez por meio da imprensa. As mulheres acabavam manifestando seu apoio com demonstrações variadas de entusiasmo coletivo, pois era necessário convencê-las e certificar-se do seu apoio em caso de necessidade, já que, em determinadas situações e estágios da guerra, as mulheres foram a alternativa para a manutenção e a defesa da Pátria.²

A imprensa, ao difundir o patriotismo, buscava o engajamento não só dos homens, mas de toda a população paraguaia. É importante destacar que ela enfatizava os atos de heroísmo com acentuado exagero, transformando-os em feitos heróicos e difundindo a confiança na vitória. As imagens e as informações que os jornais veiculavam a respeito das mulheres procuravam representá-las como grandes *guerreiras espartanas*, que deveriam ser vistas como exemplo para toda a sociedade, como motivação e difusão patriótica.

Os artigos veiculados pela imprensa paraguaia permitem avaliar as estratégias empregadas pelo governo, incentivando e animando a população paraguaia, inclusive as mulheres, para o combate. No Paraguai, os órgãos de imprensa estavam vinculados ao Estado; por isso, os jornais paraguaios participavam intensamente dessas discussões, defendendo e representando os interesses do governo. Com isso, toda divulgação objetivava manipular e controlar determinados segmentos sociais, conseguindo apoio em todos os níveis.

A época da guerra, cada jornal tinha sua atuação voltada ao atendimento de um público letrado específico. Nesse sentido, é oportuno lembrar que no Paraguai da segunda metade do século XIX poucos sabiam ler ou escrever. Todos os jornais, em especial o *Cabichuí* e o *El Centinela*, tinham sua política editorial voltada à propaganda anti-aliança.³ O *Cabichuí*, particularmente, além de ter divulgado inúmeros atos de heroísmo das mulheres, encarregou-se de difundir uma série de

insultos sobre e contra os “negros” brasileiros e seu imperador D. Pedro II. Igualmente, o *El Centinela* expressava um forte desprezo pelo inimigo e, valendo-se da caricatura e do humor, procurava exaltar a figura do Marechal López e das mulheres paraguaias, representadas como “guerreiras espartanas”.⁴

Ao começar a guerra, as mulheres camponesas estavam vinculadas às divisões do Exército Nacional Paraguaio como *mujeres de acampamentos*. Muitas eram esposas, companheiras, concubinas, prostitutas ou irmãs de soldados. Uma ilustração do *Cabichuí*, em 1867, mostra mulheres, sendo que quatro delas caminham ao lado dos soldados e de carretas que levam munições; algumas delas levam roupas e outros utensílios sobre a cabeça e vestem as roupas tradicionais do Paraguai, o *tipoy*.

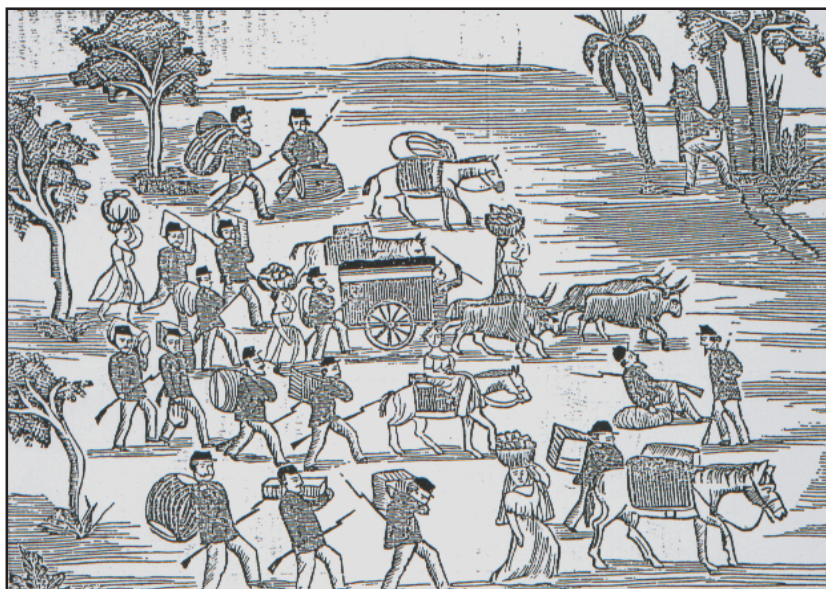


Figura 1: Caxias... Ora, meu Deus!... Que é isto que eu vejo? Será possível que os paraguaios tenham outros caminhos mais? Ah! E como vão entrando as provisões!... Muito gado, e muito mantimento! Sim, e tudo com abundância!... É impossível vencer á Lopez!

Fonte: *Cabichuí*, 16 de dezembro de 1867, ano 1, n. 65, p. 3.

A gravura apresenta-nos um Exército com uma excelente logística, provisões de alimentos e munição, além de evidenciar a presença de mulheres que acompanhavam as tropas. Percebe-se, ainda, que uma delas acompanhava a tropa montada sobre um burro, diferentemente das outras que carregavam mantimentos sobre a cabeça.

A presença feminina na Guerra do Paraguai foi estimulada e aceita tanto por paraguaios quanto pelos países aliados. Além de marcharem ao lado dos combatentes, as mulheres atuaram também na confecção de uniformes e nas plantações, sendo ressaltada sua participação como valorosas guerreiras.⁵

Para reforçar esses movimentos de difusão patriótica, a imprensa divulgava situações em que mulheres manifestavam sua vontade de pegar em armas. Os registros que referem esse anseio e essa vontade de lutar evidenciam a intenção desses jornais, fortemente vinculada ao desejo do Estado paraguaio.

No dia 15 de dezembro de 1867, as *aregüeñas*, em uma manifestação, teriam se apresentado perante as autoridades locais para solicitar autorização, com o objetivo de serem admitidas no Exército. Essa situação é destacada pela imprensa como *atitude patriótica*, expressa no desejo de algumas mulheres em pegar em armas.

A ilustração do *Cabichuí* representa dez mulheres da capital vestidas em elegantes vestidos à moda européia, solicitando autorização ao vice-presidente Sánchez para pegar em armas:



Figura 2: As filhas da Pátria, solicitando armas para lutar contra o ímpio e covarde invasor
Fonte: *Cabichuí*, 9 de dezembro de 1867, ano 1, n. 63, p. 2.

Se o oferecimento por parte de algumas mulheres para colaborar no abastecimento, na preparação dos vestuários e nos serviços dos *hospitais de sangue* – apesar do caráter obrigatório inerente às próprias medidas do governo – foi explicado e encarado de forma natural, e a possibilidade de as mulheres pegarem em armas gerou algumas objeções dentro e fora do Paraguai.⁶

É evidente que, para o governo paraguaio, as manifestações de apoio à guerra e os atos de patriotismo eram importantes, uma vez que o recrutamento de mulheres seria uma alternativa caso se esgotassem outras fontes de recrutamento.

A imprensa oficial exaltou, do mesmo modo, a demonstração patriótica das mulheres paraguaias, sobretudo das damas – o *belo sexo* – que, “voluntariamente”, apoiavam a guerra, destacando seu sacrifício e a abnegação demonstrada na doação de suas jóias. A proposta de arrecadar jóias para posteriormente confeccionar o *Livro de Ouro* é usualmente apresentada como uma idéia que partiu de Solano López e de Elisa Lynch.

Curiosa e surpreendente é a constatação de que, mesmo estando em guerra, tempo de escassez e de necessidades, tais doações correram tanto no âmbito da elite quanto nos outros segmentos da população paraguaia.

Com o ouro arrecadado decidiu-se cunhar a primeira moeda em honra ao sacrifício dessas mulheres. As mulheres, no entanto, decidiram cunhar a imagem do Marechal López em sua homenagem. No momento em que as jóias eram entregues, expedia-se um recibo e contabilizavam-se as doações, detalhadamente, no chamado *Livro de Ouro*, que foi assim definido pela imprensa:

Este precioso livro contém os registros de ofertas que o bello sexo fez de suas jóias e pertences, precedidas de um documento que forma a dedicação principal. Será apresentado, como nós já anunciamos, em 24 do corrente mês por uma Comissão de Senhoras que ainda não está nomeada. Este livro de um imenso valor pela quantidade de ouro que tem, pelo significado de sua oferta, e por seu mérito artístico, é merecedor que consagremos uma descrição maior, que o faremos na primeira oportunidade. (EL CENTINELA, 11 de junho de 1867, n. 12, p. 4).

A imprensa divulgou esse “ilustre ato”, valorizando a bravura e o heroísmo nele envolvidos. Com o afã de dignificar as doações, ao que

tudo indica, a imprensa procurou, em muitas crônicas da época, valorizar a bravura e o heroísmo desse feito. As expressões populares de admiração à Pátria aumentavam no Paraguai no momento em que a causa nacional estava cada vez mais ameaçada.

Assim, o *Cabichuí* tratou do incremento do sentimento nacional:

Este é um fato que estará nas páginas da história nacional com letras de ouro, como um dos atos mais nobres e gloriosos que conquistaram as virtudes cívicas do bello sexo paraguaio, e será cumprimentado em todos os tempos pelo mundo civilizado com aplauso e admiração, como o exemplo mais nobre e glorioso de patriotismo. (CABICHUÍ, 9 de setembro de 1867, n. 36, p. 2).

O jornal procurou reverenciar o ato, immortalizando a mulher na memorável história da nação paraguaia. A doação das jóias ao Estado, cobrindo os gastos com a guerra, pode até parecer natural. O que chama a atenção, no entanto, é o fato de as mulheres fazerem tais doações em um tempo de grande carência. Tão relevante quanto entender esses mecanismos utilizados pelo governo é saber o paradeiro dessas jóias e de sua representatividade na sustentabilidade financeira da guerra.

A partir de maio de 1867, muitas assembléias foram realizadas pelas mulheres da elite na capital e depois propagaram-se pelas localidades da campanha. No encerramento dessas assembléias, que passaram a ter maior frequência e uma dimensão maior, eram bradados os nomes dos notáveis da Pátria: “Digamos, assim, dignas concidadãs: Viva a liberdade da República! Viva o ilustre Marechal López! Viva o bravo e invencível exército nacional!” (CABICHUÍ, 19 de setembro de 1867, ano 1, n. 39. p. 1-2).

Nessas ocasiões, fica evidente a distinção das classes, bem como as razões pelas quais as assembléias ocorreram. O *bello sexo* empregou todos os esforços e os meios para ajudar na defesa de seus interesses pessoais ou de classe, uma vez que a guerra os tinha comprometido.

Essa consciência nacional que destacamos se desenvolveu exatamente no momento em que o Paraguai enfrentava três países em uma guerra. Atribuiu-se às mulheres da classe alta da capital a responsabilidade por esse movimento nacional. As “damas de Assunção”, que se reuniam no Clube Nacional, realizavam suas reuniões e ofereciam suas jóias ao governo, incentivando as mulheres dos distritos rurais a se unirem a elas e a fazerem as mesmas doações para os gastos da guerra. Uma designação de forte apelo nacionalista que era empregada para se referir a essas

mulheres foi a de *conciudadanas* que, na verdade, significava que estavam agora incluídas na Nação e deveriam participar da mesma causa.

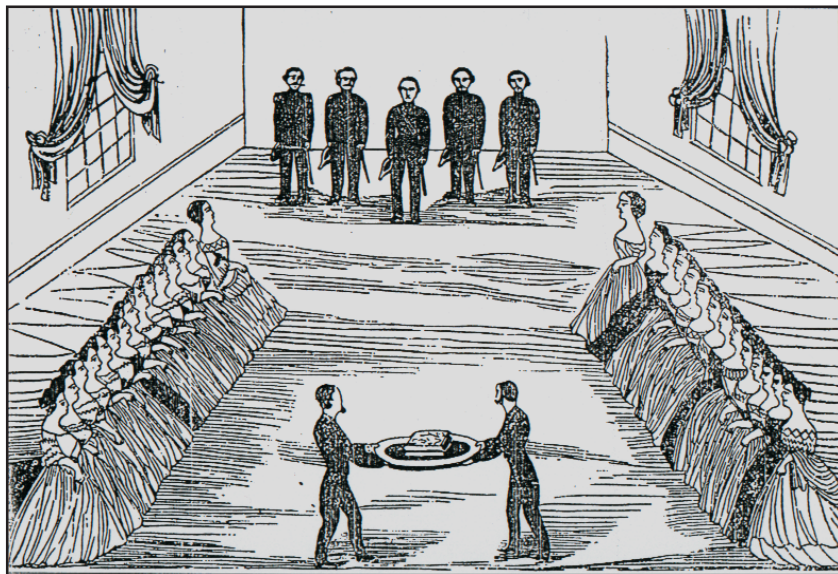


Figura 3: Oferta do *bello sexo* nacional do Paraguai de todas suas jóias para a defesa da Pátria. Asunción, 8 de setembro de 1867

Fonte: *El Centinela*, 12 de setembro de 1867, ano 1, n. 32, p. 1.

Na ilustração, *El Centinela* mostra várias mulheres da alta sociedade vestidas com roupas elegantes, presentes nesse ato patriótico e não mulheres de distritos rurais vestidas de *typoi*. Na cerimônia formal, as 32 delegadas de distritos de todas as partes do país ofereceram suas jóias ao governo. Além disso, presentearam o Presidente López com o *Livro de Ouro*, contendo os nomes das mulheres que fizeram as doações. Que esse *gesto patriótico* não foi espontâneo, poucos duvidam; o que torna suspeita é a relação das ditas senhoras com o governo, já que todas tinham grande envolvimento com ele.

A imprensa ligada aos interesses de propagar a “veneração” da mulher também difundiu imagens heróicas. De maneira exagerada ou não, isso foi bastante explorado pelos jornais. Muitos artigos de jornais estavam empenhados em ressaltar a coragem da mulher paraguaia. Ao destacar os atos de heroísmo, pretendia-se manifestar e difundir o menosprezo pelo inimigo, como também a confiança na vitória.

O *Cabichuí* recorda, como ato de heroísmo, o momento em que D. Francisca Cabrera, ao notar que os soldados brasileiros a cercavam, se escondeu no mato com seus quatro filhos pequenos. Segundo consta, ela queria lutar somente com uma faca e, para não cair em mãos inimigas, falou para seu filho maior que, caso morresse, deveriam continuar lutando.



Figura 4: Cena da aflição na chegada das tropas brasileiras. Francisca Cabrera orienta seus filhos para lutarem até a morte
Fonte: Cabichuí, 12 de agosto de 1867, ano 1, n. 28, p. 4.

Em outra ocasião, duas mulheres com apenas uma faca e um pedaço de pau matam o “monstruoso tigre”. O texto, ainda, faz alusão ao trabalho das mulheres, pois, naquele momento, “regavam com o suor de seu rosto e cuidavam do gado” e, depois da “breve luta”, com coragem, mataram o tigre e “dedicaram sua pele em homenagem ao Senhor MARECHAL LÓPEZ”. (*CABICHUÍ*, 22 de junho de 1868, n. 91, p. 3-4).

A ilustração da cena, anexada ao registro, deixa esses aspectos bem-evidenciados:



Figura 5: Bárbara Alen e Dolores Caballero lutando com um tigre
Fonte: *Cabichuí*, 22 de junho de 1868, ano 2, n. 91, p. 3-4.

A imagem de uma mulher guerreira e competente para a batalha tinha o propósito de impor medo ao Eército inimigo, legitimando uma força substituta na guerra. A imagem representa a coragem e a virilidade da mulher e tem a finalidade de fazer crer nas suas possibilidades de lutar.

Em suma, essas mulheres, muitas voluntárias e outras totalmente coagidas, com a intenção de fazer muito mais pela Pátria, resolveram pegar em armas para lutar. Grande parte do vigor nacional e da demonstração de solidariedade para com os soldados nos campos de batalha se deveu às pressões que o Estado fez através da imprensa, visando à difusão do patriotismo. As mulheres, por meio de um entusiasmo coletivo, se deixaram contagiar com a onda de patriotismo que o Paraguai estava vivenciando, oferecendo-se espontaneamente ao recrutamento, com doações de jóias e trabalhos voluntários e, ainda, com apoio logístico à tropa. Por outro lado, essa imagem de mulher trabalhadora, que sozinha cuidou do lar e combateu na guerra, reforçou seu histórico papel numa sociedade de tipo *patriarcal*, que atribui responsabilidades e não direitos à mulher.

Notas

¹ Este artigo, ligeiramente modificado, sintetizou uma parte de minha dissertação de mestrado, intitulada “Sob o olhar da imprensa e dos viajantes: mulheres paraguaias na Guerra do Paraguai – 1864-1870”, defendida em abril de 2004, no Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, sob orientação da Profa Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck. Sou grato à Vanessa pela leitura pertinente, a quem dedico este artigo.

² Os relatos de viajantes, sobretudo daqueles que estiveram no Paraguai, no período da guerra, também constituíram fonte significativa para análise da Guerra do Paraguai. Por meio desses relatos que narram diversos episódios do conflito, podemos analisar as representações produzidas no palco das batalhas. Como exemplo, citamos os relatos de *Richard Burton*, *Dionísio Cerqueira*, *Max Von Versen*, *George Thompson*, *Laurent-Cochelet*, *Charles Washburn*, *George Frederick Masterman* e do *Visconde de Taunay*.

³ El Periodismo en el Paraguay. *Álbum Gráfico del Paraguay*, s/d., p. 257-258.

⁴ Todos os periódicos que eram dirigidos aos soldados, com exceção do *Semanário*, tinham um único objetivo: atacar os aliados com caricaturas e sátiras para ridicularizar o inimigo e divulgar crônicas exaltando os combates, louvando suas virtudes para manter elevado o moral da tropa. O que facilitou a propagação dessas idéias foi o fato de elas serem publicadas em espanhol e guarani, exceto o *Cacique Lambaré* que era redigido exclusivamente em guarani.

⁵ George Thompson apresenta as mulheres paraguaias como *esmeradas trabalhadoras*. Criou-se, no decorrer da guerra, o posto de *sargenta* para o governo ter um maior controle sobre essas mulheres. Essas

sargentas, possivelmente, eram mulheres *residentas*, talvez desfrutassem de maior confiança por parte dos chefes militares; todavia, não tinham direito sequer à comida. (THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968. p. 168).

⁶ No Paraguai, difundiu-se a imagem de *deboche* das mulheres que seguiam o Exército Imperial, o que pode ser observado no *El Centinela* em caricatura da Imperatriz do Brasil recrutando e passando em revista um corpo de *mulheres-soldados* que substituíram os *cambas* derrotados. (EL CENTINELA, 13 de junho de 1867, ano 1, n. 8, p. 3). De outro lado, os jornais brasileiros participavam intensamente do debate político de questões relacionadas à guerra, recorrendo à *sátira* para depreciar um grupamento feminino paraguaio passado em revista. (VIDA FLUMINENSE, 30 de maio de 1868, ano 1, n. 22).

⁷ Os viajantes informavam que a proposição foi encabeçada pelos dois, contando com o aval de famílias da elite paraguaia e de políticos que tinham estreito vínculo com ambos. Diferentemente dos viajantes, a imprensa divulgou esse “ilustre ato”, valorizando a bravura e o heroísmo nele envolvidos. A doação de jóias, no entanto, não foi espontânea como apresentada pela imprensa paraguaia. Nesse sentido, os relatos dos viajantes divergem, pois afirmam que Solano López se utilizou de todos os meios para engajar a população paraguaia, especialmente a alta sociedade, na arrecadação de recursos para a guerra. (THOMPSON, op. cit., p. 163; Laurent-Cochelet ao Marques de Moustier, Asunción, 20 de setembro de 1867. In: RIVAROLA, Milda. *La polémica francesa sobre la Guerra Grande*. Eliseo Reclus: La Guerra del Paraguay. Laurent-Cochelet:

correspondencia consular. Asunción: Editorial Histórica/ Milda Rivarola [editora], 1988. p. 148; VERSEN, Max Von. *História da Guerra do Paraguai*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1976. p. 113; WASHBURN, Charles A. *Historia del Paraguay*. Con notas de observaciones personales y reminiscencias de algunas dificultades diplomáticas. Buenos Aires: Revista del Paraguay, 1892. p. 219, t. I; *Semanário* de 26 de janeiro de 1867, n. 666, p. 3; *El Centinela*, de 2 de mayo de 1867, ano 1, n. 2, p. 2; *Cabichuí*, de 19 de setembro de 1867, ano 1, n. 39, p. 1-2.

Jornais

Cabichuí, de 12 de agosto de 1867, ano 1, n. 28, p. 4.
Cabichuí, de 19 de setembro de 1867, ano 1, n. 39, p. 1-2.
Cabichuí, de 9 de dezembro de 1867, ano 1, n. 63, p. 2.
Cabichuí, de 16 de dezembro de 1867, ano 1, n. 65, p. 3.
Cabichuí, de 22 de junho de 1868, ano 2, n. 91, p. 3-4.
El Centinela, de 2 de mayo de 1867, ano 1, n. 2, p. 2.
El Centinela, de 13 de junho de 1867, ano 1, n. 8, p. 3.
El Centinela, de 12 de setembro de 1867, ano 1, n. 32, p. 1.
Semanário, de 11 de agosto de 1866, n. 642, p. 3-4.
Semanário, de 26 de janeiro de 1867, n. 666, p. 3.
Vida Fluminense, de 30 de maio de 1868, ano 1, n. 22.

Referências

- BLOMBERG, Héctor. *La dama del Paraguay*: biografía de madama Lynch. Buenos Aires: Ala, 1942.
- CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto; Edusp, 1998.
- CARDOZO, Efraim. *Hace cien años*: crónicas de la Guerra de 1864-1870. Asunción: Emasa, 1968-1982. 13 v. Publicadas en “La Tribuna” de Asunción en el centenario de la Epopeya Nacional.
- _____. *Apuntes de historia cultural del Paraguay*. 4. ed. Asunción: Biblioteca de Estudios Paraguayos, 1976. v. 11.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra*: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- El Periodismo en el Paraguay. *Álbum Gráfico del Paraguay*, s/d.
- KOSTIANOVSKY, Olinda Massare de. *La mujer paraguaya*. Asunción: Talleres Gráficos de la Escuela Salesiana, 1970.
- LYNCH, Elisa. *Esposición y protesta*. Buenos Aires: Imprenta Rural, 1875.
- ODDONE, Beatriz Rodriguez Alcalá de Gonzáles. *¿Residenta? ¿Reconstructora?* historia de un monumento fallido. Asunción: Casa América, 1974.
- O’LEARY, Juan Emiliano. *El libro de los héroes*: páginas históricas de la Guerra del Paraguay. Asunción: Mundial, 1922.
- ORTOLAN, Fernando Lóris. *Sob o olhar da imprensa e dos viajantes*: mulheres paraguaias na Guerra do Paraguai – 1864-1870. 2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, São Leopoldo, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Unesp, 1998.
- POTTAST, Jutkelt Bárbara. *Paraíso de Mahoma o el país de las mujeres?* Asunción: Litocolor SRL, 1996.
- RIVAROLA, Milda. *La polémica francesa sobre la Guerra Grande*. Eliseo Reclus: La Guerra del Paraguay. Laurent-Cochelet: correspondencia consular. Asunción: Editorial Histórica/Milda Rivarola [editora], 1988.
- THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.
- VERSEN, Max Von. *História da Guerra do Paraguai*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1976.
- WASHBURN, Charles A. *Historia del Paraguai*: con notas de observaciones personales y reminiscencias de algunas dificultades diplomáticas. Buenos Aires: Revista del Paraguai, 1892. t. I e II.
- ZARZA, Idália Flores G. de. *La mujer paraguaya*: protagonista de la historia (1537-1870). Asunción: El Lector, 1985. t. I.